

A TOPOGRAFIA DA ALUCINAÇÃO AUDITIVA COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DA LINGUAGEM DA SUBJETIVIDADE

Henrique Campagnollo Dávila Fernandes

Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do curso de psicologia do Centro Universitário do Planalto Central Professor Aparecido dos Santos, Brasil.

Valeska Zanello

Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Docente adjunta 3 do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB) e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PSICC), Brasil.

RESUMO: A topografia das alucinações consiste na exploração de suas características. Este estudo objetivou analisar variáveis topográficas de vozes alucinatórias de frequentadores de um Centro de Atenção Psicossocial. Para isso, dez pessoas foram entrevistadas e tiveram seus relatos analisados pela Análise de Conteúdo. As variáveis encontradas foram “intensidade”, “frequência”, “conteúdo”, “quantidade”, “identidade”, “gênero”, “forma como se apresentam”, “valência emocional”, e “nível de influência”. As vozes podem estar relacionadas com a trajetória biográfica do ouvidor, e variam em frequência e quantidade. O conteúdo diz respeito a questões estruturantes da vida dos entrevistados e que causam muitos conflitos. Identidade e gênero são variáveis que podem facilitar o acesso à compreensão do fenômeno. As vozes de comando foram as mais frequentes e levaram alguns deles a tentativas de suicídio. Concluiu-se que a exploração das variáveis topográficas das vozes pode auxiliar a compreensão do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Alucinações; Linguagem; Topografia.

TOPOGRAPHY OF HEARING HALLUCINATION AS A POSSIBLE UNDERSTANDING OF THE LANGUAGE OF SUBJECTIVITY

ABSTRACT: The topography of hallucinations denotes the exploration of its characteristics. Topographic variables of hallucinatory voices of users of a Psychosocial Care Center are analyzed. Ten people were interviewed and their reports analyzed by Content Analysis. Variables comprised “intensity”, “frequency”, “contents”, “quantity”, “identity”, “gender”, “the shape they appeared”, “emotional valence” and “influence level”. Voices may be related to the hearer’s biography and vary in frequency and quantity. Contents deal with structure issues of the interviewees’ life, with deep conflicts. Identity and gender are variables that may facilitate access to the comprehension of the phenomenon. Commands were the most frequent, with suicide attempts. Results show that the exploration of topographic variables of voices may be a great aid in the understanding of the phenomenon.

KEY WORDS: Hallucinations; Language; Topography.

INTRODUÇÃO

Experiências alucinatórias são relatadas com frequência por pessoas que fazem uso de serviços da rede pública de saúde mental do nosso país, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e hos-

pitais psiquiátricos. Esses serviços acolhem pessoas em situação de sofrimento psíquico intenso, as quais apresentam entre suas queixas a escuta de vozes ameaçadoras e persistentes - que as impedem de viver. Muitas dessas pessoas relatam que já tentaram suicídio ou que pensam em morrer, já que essa seria a única saída para dar um fim às vozes – as quais podem ser tão dominadoras que causam limitações no trabalho e nos relacionamentos sociais. A alucinação auditiva pode se dar ainda por meio de sons que não se assemelham a vozes e que também provocam grandes perturbações.

O tratamento tradicional consiste na administração de medicações antipsicóticas que visam à eliminação ou redução das manifestações, combinada à psicoterapia. Porém, nos últimos anos surgiram outras formas alternativas de cuidado, para pessoas que não se adaptaram ao manejo tradicional, com bons resultados¹, como a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) – que tem como foco a redução do sofrimento pela alteração da forma como o ouvindo se relaciona com as vozes -, a Terapia Cognitivo Comportamental para Psicoses (CBPt) – a qual se propõe a auxiliar a pessoa a desenvolver crenças menos angustiantes e mais adaptativas sobre as vozes -, e a Terapia Metacognitiva de Treinamento de Atenção (ATT) – treino de foco com estímulos neutros, visando o desenvolvimento de maior habilidade de lida com as manifestações.

Além das abordagens destinadas ao manejo clínico, vários estudos²⁻⁵ vêm sendo realizados com vistas a explicar o que seriam as alucinações e suas possíveis etiologias. No entanto, pouco tem sido trabalhado quanto ao detalhamento de suas propriedades⁶. Nesse sentido, é mister destacar a metodologia desenvolvida pelo Movimento Internacional de Audição de Vozes (HVM), o qual tem como base a realização de grupos de ouvindo de vozes que se destinam à troca de experiências e à ajuda mútua, além da realização de pesquisas e do desenvolvimento de formas alternativas de compreensão da audição de vozes - fatores que contribuem para a despatologização e problematização do fenômeno⁷.

Um dos procedimentos recomendados pelo HVM é a “topografia das vozes”⁸, conceito que diz respeito à exploração de características ou “componentes” do fenômeno, como gênero, idade, e forma como se comportam⁹. Essas e outras propriedades foram avaliadas por

recentes pesquisas^{6,10-13}, que atestaram que a exploração de variáveis topográficas das alucinações aumenta a possibilidade de lida com o fenômeno, entre outros ganhos terapêuticos. Alinhado a essa perspectiva, este trabalho teve como objetivo analisar as variáveis topográficas de vozes alucinatórias de frequentadores de um Centro de Atenção Psicossocial, conforme os procedimentos descritos a seguir.

METODOLOGIA

Este artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado, a qual se propôs a problematizar a audição de vozes enquanto sintoma de doença mental, e oferecer outras formas de compreensão sobre o fenômeno. Foi utilizada a metodologia qualitativa, já que se buscaram os significados das experiências alucinatórias por meio de narrativas sobre elas. Dez ouvindo de vozes, que frequentavam um CAPS II de uma capital brasileira destinado ao cuidado de pessoas em situação de sofrimento psíquico intenso, foram entrevistados entre os meses de abril e agosto de 2016, sendo quatro homens e seis mulheres. O único critério de inclusão foi o de ouvir vozes. Foram heterogêneos os aspectos como gênero, diagnóstico, orientação sexual, etnia/raça, credo religioso, idade, nível de escolaridade, e renda.

Os dados foram coletados por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado, o qual se propôs a obter informações sobre: a) história de vida; b) primeira experiência de audição de vozes; c) acontecimentos que poderiam ser relacionados ao surgimento e à permanência das manifestações; d) estratégias de lida; e) características das vozes; e f) postura da família em relação ao fenômeno. Quanto às características das vozes, o entrevistador procurou realizar outras perguntas (que estão descritas nos resultados), à medida que os participantes descreviam suas experiências. As entrevistas foram gravadas em áudio, e depois transcritas e analisadas por meio da análise de conteúdo¹⁴.

A partir dos dados coletados e da literatura^{9,15,16}, foram elencadas nove variáveis topográficas (ou “predicados”): “intensidade”, “frequência”, “conteúdo”, “quantidade”, “identidade”, “gênero”, “forma como se apresen-

tam”, “valência emocional”, e “nível de influência”. Tais variáveis estiveram presentes nos relatos dos dez participantes, e serão explicadas de forma detalhada no próximo tópico, juntamente com a apresentação de alguns recortes das entrevistas. Informações relativas a nomes e outros dados pessoais foram omitidas, para que os ouvintes de vozes tivessem o sigilo resguardado. A pesquisa que gerou este estudo foi aprovada pelos comitês de ética da Secretaria de Estado de Saúde e da Instituição de Ensino Superior responsável, conforme os pareceres nº 1.475.867 e nº 1.452.068.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada variável será apresentada de forma separada, seguida de uma descrição e dos recortes correspondentes, unicamente com a finalidade de tornar mais didática a organização das ideias – questão que não corresponde à atividade das vozes, já que elas acontecem como um conjunto estruturado por todas as variáveis, que se relacionam mutuamente. É mister destacar que se procurou explorar o fenômeno da forma como ele se mostrava aos participantes e a partir deles mesmos, para que alguns sentidos originais pudessem surgir.

Cabe destacar também que as perguntas realizadas para a exploração das variáveis topográficas - que estão especificadas no início de cada descrição de variável - podem ser utilizadas para a técnica conhecida como “diálogo com as vozes”. Tal técnica consiste em conversar com as vozes (tendo o ouvinte como mediador), com o objetivo de saber por quais razões elas estão se manifestando, para auxiliar a pessoa a desenvolver estratégias de lida, ou para dar suporte ao ouvinte no sentido de desenvolver controle sobre elas, entre outros¹⁷.

INTENSIDADE

Esse predicado se refere ao “volume”, no sentido de força ou amplitude das manifestações, e pode ser informado pela pergunta: “qual é a intensidade dessa voz?”, “qual é o volume?”, “É muito forte?”, “É alta ou baixa?” e suas variantes. Quanto maior a intensidade, maior era o impacto que causava nos entrevistados, como Melinda relatou.

Baixinha nunca vieram, e às vezes até me assusta, que as pessoas estão conversando comigo, elas falam e eu tomo um susto, fico parada escutando. É assim, eu posso estar fazendo qualquer coisa, que se a voz chegou, já começo a ficar perturbada, começo a passar mal, não consigo lidar com elas. Às vezes eu estou ouvindo a voz, e calo de repente, a pessoa até estranha, é muito ruim a convivência com outras pessoas.

Todos os participantes relataram que as vozes provocavam alterações no estado emocional, e que poderiam levá-los a terem crises - estados de desequilíbrio psicológico, nos quais as pessoas se desorganizam a ponto de não conseguirem encontrar estratégias para solucionar o conflito, e que são causados por situações que assinalam grandes perigos¹⁸; com surtos de agressividade, ou com a ocorrência de dissociação. No entanto, verificou-se outro importante aspecto.

Quando eu passo por uma situação de muito stress, ou muita pressão, eu sei que elas vêm pra me derrubar. E nesse dia eu não consigo lidar, elas tomam conta de mim [...] dependendo do estado que eu esteja elas vão me afetar bem mais. (Roberta).

Foi possível constatar no relato de Roberta que a intensidade das vozes corresponde à intensidade das emoções ou sentimentos. Nesse sentido, ficou evidente um caráter eliciador das vozes, que se fez presente nas experiências de todos os participantes da pesquisa: os gatilhos, que são fatores que fazem as vozes surgir ou que as intensificam. Três deles ocorreram com mais constância, e confirmam achados da literatura¹⁹: circunstâncias (situações sociais), pessoas (de convivência), e emoções e sentimentos.

Além de serem eliciadoras e/ou intensificadoras das manifestações, emoções também eram geradas pelas vozes, como no relato de Melinda. Assim, o trabalho de exploração das vozes pode nos conduzir aos caminhos que estejam contribuindo para a geração ou permanência das vozes. E mais que isso: para chegarmos a uma possível explicação do motivo pelo qual elas começaram a se manifestar.

FREQUÊNCIA

Se refere à sucessão das manifestações ao longo do tempo, e pode ser obtida pela pergunta: “quantas vezes você escuta as vozes ao longo do dia e da noite?”. Foi o predicado que mais variou entre os entrevistados, e esteve relacionado a:

- aspectos ambientais, como no caso de Janete: *“elas vêm mais frequente, igual quando eu tô em casa, quando eu tô em casa ou em algum lugar sozinha, elas vêm mais”*;

- aspectos situacionais: *“e eu tenbo um familiar que quando eu vejo ele, o sangue ferve assim sabe, que as vozes falam assim “mata ele agora”* (relato de Letícia); e

- fatores emocionais, como Magda afirmou: *“as vozes surgem quando a gente tem medo das coisas, né”*.

No entanto, cabe destacar que acontecimentos que marcaram a trajetória biográfica²⁰ – como, por exemplo, violência sexual, que foi sofrida por três mulheres e um homem entrevistado -, ao serem trazidos à presença por meio da recordação, acabavam gerando sentimentos e emoções aversivas, as quais contribuíam para que as vozes “despertassem”, e permanecessem atuando, como no relato de Ivo: *“Eu lembro das coisas erradas que eu fiz aí as vozes me ataca”*.

CONTEÚDO

Essa variável topográfica é relativa aos assuntos que são falados pelas vozes, ao material que é tematizado por elas. O conteúdo foi informado pela pergunta: “O que as vozes te falam?”, “Qual é o assunto que elas dizem?” e suas variantes. O conteúdo trazia questões estruturantes, e foi uma das variáveis que mais imprimiu sofrimento nos sujeitos de pesquisa. Em alguns casos provocou desestabilização emocional e fez com que muitos deles entrassem em crise.

Tal variável esteve relacionada com a história de vida dos participantes, como no caso de Alex: *“Dizem que não vou fazer conseguir nada na vida, serei sempre um inútil, que não adianta nada meu tratamento. Ameni-*

dades, tipo “esse aí não vai muito longe, nós vamos continuar nosso trabalho até acabar com ele”. Alex começou a ouvir vozes na adolescência, em meio a um contexto de perdas – separação dos pais, falecimento do irmão, violência doméstica por parte do padrasto, e dificuldade de aprendizagem na escola.

Ele se ressentia por nunca ter conseguido se firmar em qualquer coisa que tenha se proposto a fazer ao longo da vida, principalmente na esfera do trabalho, e em relacionamentos amorosos com mulheres. Em seu caso, portanto, as vozes tematizavam “fracassos” frente ao modelo de masculinidade hegemônica marcado pelo dispositivo da eficácia²¹, cujos pilares são a virilidade sexual e laborativa.

Essa temática também foi recorrente nos outros homens, a ênfase ocorrendo ora sobre o papel do trabalho (ser/não ser provedor), ora sobre a sexualidade (que deveria ser ativa ou heterossexual). Damião, por exemplo, tinha como objetivos poder estabelecer uma família e sustentá-la, e ter uma profissão legitimada, como a de policial ou bombeiro - profissões tipicamente masculinas (ligadas ao estereótipo de virilidade e força): *“era com a polícia, com bombeiro, e com rapazes e com homens que pareciam policiais...me motivava a ter um objetivo, tipo que era ser homem de família, constituir família”*.

Firmino queixou-se da família, a qual o chamava de doente, reclamava por gastar dinheiro com remédios, e cobrava que ele trabalhasse e pudesse assumir o papel de “homem”; as vozes invadiam sua privacidade, e o humilhavam por meio de xingamentos (como “vagabundo”): *“invadem minha privacidade, falam muita coisa ruim, que vai acontecer comigo; conteúdo agressivo, que humilha, que me deixa mal”*. Por outro lado, Ivo sofria por não ter tido experiências afetivas com mulheres, e por ter se relacionado apenas com homens: *“eu ouço meu pai falar assim “vamo acabar com esse desejo dele”, como se ele tivesse me livrado do desejo sexual que eu tenbo por homens que meu pai recrimina que ele fala tem preconceito”*.

Enquanto que com Firmino havia uma exigência de virilidade laborativa – inclusive por parte das vozes -, no caso de Ivo, o ser “passivo” no imaginário social equivale a assemelhar-se a uma “mulherzinha”, e fere o ideal de masculinidade hegemônica. As vozes ridicularizavam

essa questão (assim como quando sofria *bullying* na escola), e o deixavam preocupado quanto à sua orientação sexual.

As mulheres apresentaram resultados diferentes em comparação aos homens: as vozes tematizavam com mais frequência a questão da morte-suicídio, e eram mais intensas, em quatro, das seis entrevistadas. O que havia em comum entre as seis mulheres eram histórias de violência sexual e psicológica, em contexto doméstico e extradoméstico. Melinda, por exemplo, relatou: “*Teve um dia que o Francisco – o companheiro dela à época – queria bater na Júlia, ele resvalou o cotovelo assim nela, não gostei, e aí escutei uma voz falando pra matar ele, senão ele iria matar ela, e aí fiquei perturbada*”.

Ou seja, as vozes de Melinda surgiram em resposta a uma situação de muito estresse, na qual ela se viu interpelada no cuidado em relação à sua filha (Júlia). A ouvidora relatou ainda que os filhos eram a razão dela viver, e não sabia falar de coisas que gostava de fazer (a não ser maternar). Essa função de responsabilidade que Melinda assumiu, como mãe protetora e cuidadora, faz parte do dispositivo materno²¹, e contribuiu para que ela ouvisse as vozes com tamanha agressividade.

Assim como Melinda, Letícia afirmou que a razão de estar viva era sua filha, pois nas vezes em que as vozes davam ordens para ela se matar, ela se lembrava da filha e resistia. Também com relação à maternagem, temos o relato de Roberta.

Tem horas que as vozes mandam eu fazer coisas que não é legal, tomar mais remédio, acabar com a vida, entendeu. A questão das vozes pra mim chegar no CAPS foi o assassinato do Jorge, e as vozes vieram depois, que eram vozes falando pra eu me suicidar, que era pra eu sumir no mundo, que era pra eu dar um fim na minha vida e na vida do meu filho, que a gente não dava mais trabalho pra ninguém, coisas assim.

Apesar de ouvir vozes desde os 13 anos, Roberta veio a escutar vozes de comando somente depois da morte de um parente (Jorge), que era quem a auxiliava nos cuidados com o filho e com outras demandas – o pai da criança acabou terminando o relacionamento com ela quando soube que seu filho tinha problemas de saúde.

Seus progenitores já eram falecidos quando Jorge morreu, e ela então caiu em desespero, por não poder mais contar com o apoio de ninguém, já que o restante da família fazia um julgamento moral sobre sua situação de saúde (diziam que era falta de Deus, que estava de frescura e de preguiça). Roberta se sentia uma péssima mãe por estar em depressão e não conseguir cuidar do filho, e isso refletia no conteúdo das vozes, como ficou claro no recorte acima.

Já as vozes de Monique tematizavam relacionamentos amorosos. Seus problemas começaram em função de um casamento muito conturbado. Viveu um relacionamento abusivo com seu ex-marido, o qual tinha comportamentos que lhe faziam silenciar e chorar – ele saía com os amigos e voltava no outro dia, não dava satisfações, e se relacionava com outras mulheres pelas redes sociais. Após o divórcio, ela se envolveu em outro relacionamento abusivo, e, com o seu término, entrou em depressão profunda e passou a ouvir vozes - que mandaram ela jogar no lixo tudo o que trazia lembranças do casamento.

Depois desse episódio, em uma festa, ela se interessou por um rapaz, e as vozes lhe falaram: “*Ele é o amor da sua vida, fica com ele!*”. Monique nunca havia conversado com esse homem, e acordou na casa dele no dia seguinte, sem se lembrar do que havia acontecido. As vozes à época da pesquisa lhe incomodavam quando via uma mulher bonita: “*você é um fracasso, olha o que você fez da sua vida!*”, já que ela se achava fora do ideal estético apregoadado em nossa cultura. No caso de Monique, portanto, as alucinações traziam um ponto que era estruturante em sua vida: a necessidade e a dependência do amor de um homem para se realizar como mulher, questão que faz parte do dispositivo amoroso²¹.

Assim, os dispositivos materno e amoroso²¹ se constituíram como fatores de risco para a saúde mental dessas mulheres. Ao juntarmos a esses dados os relatos dos homens - relativos ao dispositivo da eficácia²¹ -, chegamos ao caráter patoplástico das alucinações – ou seja, o quanto a cultura contribui para a estruturação das manifestações. Os padrões culturais são subjetivados, e passam a moldar a relação do ouvidor de vozes com aquilo que o cerca²². Esse tipo de resultado não é de se estranhar, considerando que nossa cultura ainda é profundamente atravessada pelo sexismo^{23,24}.

QUANTIDADE

Esse predicado teve relação com o número de vozes que o entrevistado escutava, e foi avaliado conforme a pergunta: “quantas vezes você escuta?”. Variou de uma voz, a um número incontável – conforme a percepção de Janete: “É como assim se tivesse mil pessoas falando ao mesmo tempo, entendeu. *Uma multidão*”. No caso de Letícia: “São várias vozes juntas, não sei se é de mulher ou de homem é uma barulhada que elas falam, que ficam falando, e aquele tanto de vozes falando, falando, incomoda muito. *É parecido com feira*”.

Pelos relatos, foi possível constatar que, quanto maior o número de vozes, maior a possibilidade de causar desorganização no funcionamento psíquico, no que tange à atenção e à concentração, como no caso de Ivo: “*tem de mulher, de criança, de adulto, isso confunde minha cabeça porque ao mesmo tempo que é mental, é espiritual, é telepatia, tudo, e perturba muito.*” No entanto, não foi uma variável que provocou crises ou alguma outra forma de sofrimento mais grave, dado que corrobora achados na literatura²⁵.

IDENTIDADE

Esta variável diz respeito a caracteres que permitem afirmar se a voz é de uma pessoa conhecida ou não, e é explorada pela pergunta: “quem é essa voz?”, “como elas se chamam?”, “quantos anos ela tem?”, “é uma voz de alguém que você conheça?” e suas variantes. Três entrevistados conseguiram associar as vozes a pessoas de convivência ou com as quais já haviam convivido, como Damião: “*Cada voz tem a sua pessoa. Pra mim não me perder. Porque se ficar imaginando elas poderia me confundir*”. Para Damião, saber de quem eram as vozes era algo que o deixava mais tranquilo para poder lidar com elas. No entanto, o mesmo não acontecia com Ivo.

Uma vez incorporei o Ramsés falou assim “fui eu que destruí a vida dele, magoei ele, e ele me magoou também, vou acabar com a vida dele, próxima vida espiritual que ele voltar pra encarnação vai pegar Aids”, falou tantas coisas horríveis que nunca mais quero ver, a do Ramsés é a que mais me perturba.

Ramsés foi o primeiro homem pelo qual Ivo se apaixonou, e eles tinham uma relação de amizade muito boa, que foi rompida quando Ramsés teve que se mudar para outra cidade. Como não comunicou que isso aconteceria, Ivo ficou extremamente magoado. A relação deles foi marcada por momentos bons, que se alternavam com brigas e discussões. Ramsés era mais velho e o ensinou muita coisa, e era o único amigo que Ivo tinha. Assim, dependendo da qualidade do relacionamento do ouvitor com a pessoa que representa as vozes, pode haver sofrimento ou não. Isso acontecia com Firmino, que escutava vozes de amigos, profissionais do CAPS e pessoas famosas, que lhe traziam sentimentos e emoções boas; mas, em contrapartida, vozes de pessoas com as quais não tinha um bom relacionamento, e também vozes desconhecidas, lhe causavam grande perturbação.

Janete descreveu a(s) voz(es) que ouvia da seguinte forma: “é uma voz assim, é uma voz feia, uma voz grossa, meio rouca, tipo aquela voz meio funda, mas uma voz como se ela tivesse mais assim, meio abafada”. E em seguida afirmou parecer uma multidão falando ao mesmo tempo. Janete relatou que sentia muito medo quando a ouvia, e que nos primeiros anos de audição ficava tomada por ela(s) – entrava quase que em estado dissociativo.

Ainda que o conhecimento sobre a identidade das vozes possa trazer sofrimento (como no caso de Ivo), ela reduz o estranhamento acerca das experiências^{9,18}, questão que pode contribuir para que o ouvitor de vozes reflita sobre o que está acontecendo, e busque alguma estratégia de lidar com as manifestações, como aconteceu com Alex.

Sei que grande parte da minha melhoria foi a frequência no Centro Espírita, não foi duma vez, disseram que tinha que ter paciência, aí comecei a orar, que na nossa crença acreditamos que sejam espíritos se comunicando, achei muito importante essa colocação, porque ajudou mais ao meu reequilíbrio. E comecei a refutar o que diziam.

Assim como Alex, Roberta contou que as vozes eram relativas a espíritos, e isso também a auxiliou a dar outro sentido para elas – eram da ordem da mediunidade. Com isso, passaram a não ser mais tão ameaçadoras quanto antes. Mas ela afirmou que, dependendo da inten-

sidade e do conteúdo, se sentia bastante impactada com algumas manifestações – como relataram os outros cinco entrevistados que ouviam vozes desconhecidas.

Relacionar uma identidade às vozes é algo que permite ao ouvitor atribuir-lhes desejos e crenças, além da predição dos seus comportamentos ou do acompanhamento de seus diferentes movimentos⁶. Daí o motivo de vozes conhecidas reduzirem o estranhamento frente à experiência, e de alguns participantes relatarem que se sentem tranquilos. O mesmo não aconteceu com os que relataram não conseguirem atribuir uma identidade às manifestações - já que se sentiam perturbados e desconfortáveis.

GÊNERO

Esse predicado tem relação com a variável anterior, considerando que pode facilitar o reconhecimento das vozes. Foi informado pelas seguintes perguntas: “a voz é de mulher, de homem, ou de nenhum dos dois?”. Designamos como gênero portanto três possibilidades: feminina, masculina e indefinida. Sete entrevistados conseguiram diferenciar o gênero, como Roberta.

A maioria das vezes é negativa de homem. Quando eu tô numa situação de muito nervoso, a masculina sempre é mais intensa, parece que ela não fica só em um lado do ouvido, ela toma conta do ambiente, é como se ecoasse. A feminina, consigo meio que ter um diálogo mental, ela fala comigo, e eu consigo por pensamento explicar o que eu tô sentindo.

Em outro momento da entrevista, Roberta conseguiu associar a voz masculina ao pai, que a estuprou por quatro anos. Cabe destacar que a violência sexual, segundo a entrevistada, foi o acontecimento que desencadeou a escuta de vozes, aos 13 anos de idade (quando os estupros cessaram). A voz feminina vinha para se opor à masculina, e trazia conselhos e palavras de conforto, as quais a deixavam menos angustiada. No caso de Magda e de Ivo,

Quando comecei a escutar vozes, escutava vozes de homem, de mulher, de criança, de adulto, vozes de tudo, e era tudo separadinho, parecia coi-

sas de espiritismo. Hoje em dia não consigo identificar. Não dá pra diferenciar. Vem como sentimento de culpa. (Magda)

Até hoje escuto vozes perturbadoras. Ontem lá em casa, eu ouvi uma voz depois do quarto da minha irmã, como se dentro do carro falando “seu desgraçado!”, como se eu tivesse frustrado mais uma vez, querendo me internar (Ivo)

O que mais marcava Magda não era a questão do gênero, mas o sentimento que estava associado às manifestações – que deu sentido às vozes. O relato de Ivo se deu no mesmo caminho, ou seja, gênero não era a questão mais marcante, mas o modo como a voz se apresentou; ao reproduzi-la, falando “seu desgraçado”, Ivo deu entonação de ódio – que foi o aspecto que mais o perturbou. Assim como nos relatos de Roberta, Magda e Ivo, os dados das outras entrevistas nos levam a pensar que gênero é um predicado que possibilita uma abertura para o caminho de exploração das vozes, já que fizeram os entrevistados refletirem sobre “o porquê” delas.

Antes de passarmos à próxima variável, cabe sublinhar alguns pontos importantes sobre os predicados identidade e gênero, considerando que, juntos, eles forneceram informações importantes que estiveram relacionadas não só à biografia dos participantes, como ao aumento de possibilidades de reflexão e organização psíquica. Pode-se afirmar que tais predicados ampliam a capacidade de o ouvitor de vozes se relacionar com as manifestações – o que corrobora o dado de outras pesquisas^{9,18} quando elas são de pessoas conhecidas, ainda que elas sejam de valência negativa - como no caso de Ivo, quando ouvia a voz de Ramsés.

Além disso, por meio da identidade e do gênero, e para além desses predicados, também se constatou a presença de crenças relacionadas às vozes, as quais tinham função fundamental na lida com as manifestações - como no caso de Alex e Roberta, quando afirmaram que elas seriam decorrentes de espíritos, e de Magda, que atribuiu às vozes o sentimento de culpa. Crenças que os ouvidores possuem em relação às experiências alucinatórias estão relacionadas diretamente com incapacidade e sofrimento²⁶ (apesar de não serem um fator preditor), o que implica em afirmar que, quando elas são negativas,

há maior possibilidade de que a pessoa venha a entrar em crise ou buscar tratamento – como aconteceu com Ivo.

Nesse sentido, pode haver ainda uma conexão entre a origem das vozes (com os eventos que trouxeram grandes sofrimentos) e sua identidade/gênero²⁷: assim como com os gatilhos e o predicado “conteúdo” -, ou seja, o acesso a possíveis razões pelas quais as manifestações se iniciaram ou permanecem em atividade, por meio de sua identidade/gênero - como no caso de Roberta que, ao relacionar a voz masculina à figura do pai que a estuprova, entendeu os motivos de elas terem surgido. Assim, a exploração desses dois predicados destacados é essencial para a compreensão do fenômeno.

FORMA COMO SE APRESENTAM

Essa variável topográfica diz respeito à feição, gênio ou modo de ser das vozes, ou seja, à forma como se comportam quando se manifestam, e foi obtida por meio das seguintes perguntas: “quando a voz vem, como ela fala contigo?”, ou “como a voz te trata?”. Esse predicado apareceu nos relatos por meio de quatro formas: alentadoras, repetidoras, repreensoras e de comando. Apenas três escutavam vozes alentadoras (além de ouvirem também as outras 03 formas), que os animavam por meio de conselhos e de conteúdos positivos. Cinco entrevistados relataram que as vozes repetiam pensamentos ou alguns outros conteúdos (eram obsessivas). Quanto às repreensoras, Monique afirmou: “*a gente vê as pessoas e pensa “nossa a menina é tão bonita, e tem aquilo”, “poxa, o que eu tenho?”, aí vem as vozes, “Você poderia estar melhor, olha onde você tá”.*

As vozes repreensoras criticavam⁹ aspectos da vida pregressa ou atual dos participantes (como em um processo judicial ou policial), restringindo a abertura para se lançarem ao futuro – provocavam fixação no tempo. O relato de Monique representa bem essa constatação e pode ser estendido a todos os outros nove entrevistados, que também ouviam vozes repreensoras. As manifestações eram desencadeadas por meio de lembranças de eventos ruins na trajetória biográfica, os quais eram tomados pelos ouvidores com sentimento de culpa, por acharem que a responsabilidade pelos erros do passado foi deles, como Magda falou: “*A escuta de vozes também,*

ela é uma, ela é quando a gente fala assim “por que que eu fiz isso”, é culpa, sentimento de culpa”. Esse sentimento foi comum inclusive entre as três mulheres e o homem que sofreram violência sexual.

Já com relação às vozes de comando, foram as que mais afetaram os participantes (conforme eles mesmos relataram), e as que ainda provocavam muito sofrimento em seis deles – com possibilidade de crise. Todos os entrevistados relataram ter ouvido vozes de comando durante algum período da vida, e elas surgiram em meio a contextos de perdas e muito sofrimento, que os fizeram pensar ou planejar suicídio, para dar um fim à dor que sentiam. Sete entrevistados tentaram suicídio, entre eles Letícia.

No começo eu controlava elas, mas agora não, é como se eu fosse em busca duma salvação, as voz manda “se mata”, aí eu vou tentar fazer, é como se fosse me resta uma força lá de dentro, pra fora, que me toma duma forma que não consigo controlar e tenho esse desejo de me matar, ou machucar alguém. É uma energia muito ruim.

Além da autoagressão, nesse recorte vemos a questão da heteroagressão, a qual pode ser vista também no relato de Magda.

Tive momentos terríveis de vozes, que falavam “faz isso”, “não, faz aquilo”, tudo que você imaginar, e eu fazia. Um dia, falou “bate na vizinha”, desci embaixo no apartamento chamei a vizinha pra bater nela. Nem conhecia a vizinha direito.

Outros cinco participantes relataram que as vozes ordenavam que eles agredissem outras pessoas, e quatro deles chegaram às vias de fato.

VALÊNCIA EMOCIONAL

Nomeamos de “valência emocional”²⁸ a valoração das emoções geradas pelas vozes, as quais foram classificadas em dois sentidos: positivas ou negativas. Não houve necessidade de uma pergunta específica para isso, já que os participantes atribuíam valorações ao longo de seus relatos – como pode ser visto em alguns predicados

dispostos ao longo deste estudo. Com relação às positivas, Monique, cujas experiências também se davam por meio da sonorização do pensamento, relatou: “*Se for legal eu deixo tipo uma música, mas quando eu vejo que é outro pensamento “nossa as pessoas devem te achar horrível”, “você tá gorda”, balanço a cabeça, “sai, não quero te ouvir mais”*”. Os entrevistados relataram sentir várias alterações no corpo em função da ação das vozes, como Damião.

Esses dias ouvi uma voz de um cara, de dentro do carro da rua, eu tava voltando de algum lugar, e meu coração acelerou, pensei que ele ia fazer alguma coisa comigo. Parece que o que motiva mais elas é o medo, isso deixa elas mais forte.

Os dados nos levaram a crer que, assim como na variável topográfica “intensidade”, as emoções modulavam as vozes e eram moduladas por elas. Ou seja, vozes de valência negativa correspondiam a emoções negativas¹³. A valência emocional pode ser considerada uma variável transversal, já que serve de base para todas as outras; cada predicado teve uma valoração positiva ou negativa, e muitos deles se relacionavam com emoções⁹, como a variável conteúdo, intensidade, forma e nível de influência.

Em função disso, a valência emocional deve sempre ser valorizada no cuidado aos ouvintes de vozes, e a cada vez que eles relataram algum aspecto das manifestações. Isso porque, mesmo que um ouvinte escute uma “multidão” de vozes, não necessariamente terá sofrimento, pois pode sentir que está em um *show* de sua banda favorita e associar as manifestações a emoções positivas - ou seja, apesar da grande quantidade de vozes que poderiam deixar essa pessoa confusa, isso não seria um fator gerador de sofrimento¹⁷.

Daí a complexidade desse fenômeno: ele corresponde às especificidades da *psique* do ouvinte, e aos recursos que ele dispõe para lidar com o que se apresenta. Aqui cabe destacar que as alucinações não seriam algo específico de uma patologia, mas antes uma possibilidade de ser, a qual expressa sentidos que devem ser compartilhados, para que se recupere parte da “fundura” do que se viveu²⁹.

NÍVEL DE INFLUÊNCIA

Essa variável se refere à capacidade das vozes de fazer a pessoa cometer uma ação, ou de provocar alteração no estado em que ela se encontrava antes de ouvi-las (como mudanças no humor), e foi obtida pelas seguintes perguntas: “as vozes te influenciam (levam) a fazer alguma coisa, ou mudam seu estado emocional?”, “que influência elas têm na tua vida?”. Todos os entrevistados já haviam entrado em crise em função das vozes, e seis deles não conseguiam ter controle sobre elas (ficavam bastante perturbados), como Melinda: “*São várias coisas que elas falam, pegam pesado, são perturbadoras, é como se fossem chefes, falam ameaçando, se eu não fizer isso vai e ameaça*”.

As vozes de comando, em particular, detinham um grande poder de influenciá-los, inclusive para que cometessem suicídio - como vimos anteriormente, sete entrevistados tentaram suicídio. Nesse percurso, temos o relato de Ivo.

Tive uma internação em ANO, porque tentei suicídio, que as vozes perturbaram muito, fiquei louco por sexo, e ANO foi o estopim, as pessoas começaram a me discriminar muito por causa das coisas que eu tava fazendo, aí tentei suicídio [...] Tenho medo de pegar AIDS. E a voz influencia bastante. Toda vez que o resultado dá negativo ela fala assim: “Deu negativo? Agora você tá liberado, pode fazer sexo à vontade!”.

Foi possível constatar também que a capacidade de influência das vozes aumentava em função das ameaças que elas faziam, caso o ouvinte não cumprisse a tarefa - elas ficavam mais intensas e agressivas, e passavam a dizer conteúdos ainda mais perturbadores. Os participantes relataram também que, após o cumprimento das ordens, elas costumavam “deixá-los” por algum tempo, questão que lhes trazia alívio. Além de Ivo, os outros cinco participantes que eram afetados pelas vozes de comando afirmaram que não conseguiam enfrentá-las. Já os quatro entrevistados que não eram tão afetados pelas manifestações, conseguiam ter certo controle sobre elas, apesar de se sentirem perturbados.

As vozes de comando, assim como a variável “intensidade” e “conteúdo”, foram as que mais provocaram

alterações na vida dos entrevistados – por não conseguirem trabalhar, estudar ou se relacionar socialmente (sem contar nas tentativas de suicídio). Em razão disso, há necessidade de que o acolhimento, o diálogo e o manejo com ouvidores de vozes que relatem se sentir afetados por vozes associadas a esses predicados, sejam feitos com muito cuidado, e no intuito principalmente de qualificar aquilo que está sendo posto em questão³⁰.

CONCLUSÃO

Este estudo não pretende estabelecer as variáveis topográficas encontradas como sendo universais. Ou seja, os predicados apresentados, apesar de estarem presentes nos relatos dos dez entrevistados, não devem ser tomados como naturais ou pertencentes a toda e qualquer experiência alucinatória. Os resultados nos levam a repensar os caminhos pelos quais temos nos pautado para avaliar experiências que estão associadas ao sofrimento psíquico intenso. Quando a queixa ou o relato de um ouvidor de vozes não é explorado em suas diferentes dimensões, corre-se o risco de que as vozes se intensifiquem, e a partir daí ele tenha seu discurso transformado em uma cápsula e/ou ingresse em um tratamento que pode não ter resolutividade para suas demandas.

Por meio da exploração do fenômeno da audição de vozes, foi possível chegar a outras possibilidades de entendimento das experiências dos entrevistados, e refletir sobre a importância que os acontecimentos da trajetória biográfica, os contextos de vida atuais, e a cultura, têm na configuração das manifestações. Há necessidade, portanto, de que o manejo clínico desse fenômeno se oriente pela escuta atenta e pela qualificação dos relatos dos ouvidores de vozes.

Além disso, sugere-se a criação de grupos de ouvidores de vozes nos serviços de saúde e na comunidade (com articulação em rede com outros dispositivos de cuidado), a implementação nos currículos escolares (em todos os níveis) de disciplinas com conteúdos relacionados ao campo da saúde mental e fenômenos considerados da ordem da anormalidade (como a audição de vozes), e a capacitação de profissionais da saúde dentro de perspectivas alternativas às tradicionais. Assim, seria possível uma

abertura de horizonte de sentido, com maior compreensão de vozes que falam da subjetividade de seus ouvidores.

REFERÊNCIAS

1. Styron T, Utter L, Davidson L. The hearing voices network: initial lessons and future directions for mental health professionals and systems of care. *Psychiatr Q.* 2017 Dec;88(4):769-85.
2. Hugdahl K, Sommer I.E. Auditory Verbal Hallucinations in Schizophrenia from a Levels of Explanation Perspective. *Schizophr Bull.* 2017;44(2):234-241.
3. McCarthy-Jones S. *Can't You Hear Them?: The Science and Significance of Hearing Voices.* Jessica Kingsley Publishers; 2017.
4. Vilhauer RP, Sharma H. Unsolicited reports of voice hearing in the general population: a study using a novel method. *Psychosis.* 2018;1-12.
5. Waters F, Blom JD, Jardri R, Hugdahl K, Sommer I.E.C. Auditory hallucinations, not necessarily a hallmark of psychotic disorder. *Psychol Med.* 2018;48(4):529-536.
6. Wilkinson S, Bell V. The representation of agents in auditory verbal hallucinations. *Mind & Language.* 2016;31(1):104-126.
7. Corstens D, Longden E, McCarthy-Jones S, Waddingham R, Thomas N. Emerging perspectives from the hearing voices movement: implications for research and practice. *Schizophr Bull.* 2014 Jul;40(4 Suppl):S285-94.
8. Soppitt W, Birchwood M. Depression, beliefs, voice content and topography: A cross-sectional study of schizophrenic patients with auditory verbal hallucinations. *Journal of Mental Health.* 1997;6(5):525-32. p. 525.
9. Escher S. Making sense of voices: the relationship between the voices and the life history. In: Romme M, Escher S, Dillon J, Corstens D, Morris M. *Living with voices: 50 stories of recovery.* Birmingham City University: PCCS Books; 2009. p. 54-62.

10. McCarthy-Jones S, Thomas N, Strauss C, Dogdson G, Jones N, Woods, et al. Better than mermaids and stray dogs? Subtyping auditory verbal hallucinations and its implications for research and practice. *Schizophr Bull* 2014;40(4 Suppl):S275–84.
11. Ruddle A, Livingstone S, Huddy V, Johns L, Stahl D, Wykes T. A case series exploring possible predictors and mechanisms of change in hearing voices groups. *Psychol Psychother*. 2014;87(1):60-79.
12. Zanella A, Mohr S, Merlo MC, Huguélet P, Rey-Bellet P. Effectiveness of a brief group cognitive behavioral therapy for auditory verbal hallucinations: a 6-month follow-up study. *J Nerv Ment Dis*. 2014 Feb;202(2):144-53.
13. Chiang YH, Beckstead JW, Lo SC, Yang CY. Association of auditory hallucination and anxiety symptoms with depressive symptoms in patients with schizophrenia: a three-month follow-up. *Arch Psychiatr Nurs*. No prelo 2018.
14. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70;2016.
15. Coleman R, Smith M. Working with voices II: Victim to victor. Fife, Scotland: P&P Press; 2005.
16. Escher S, Hage P, Romme M. Voice hearing: a questionnaire. 2011. [acesso em 2017 Jun 18]. Disponível em: <http://www.hearingvoices.org.nz>
17. Baker P. The voice inside: a practical guide for and about people who hear voices. Port of Ness: P&P Press; 2009.
18. Caplan G. Principios de la psiquiatria preventiva. Buenos Aires: Ed Paidós; 1966.
19. Corstens D, Longden E. The origins of voices: links between life history and voice hearing in a survey of 100 cases. *Psychosis*. 2013;5(3):270-85.
20. Longden E, Waterman A.M.M.G. Dissociation, trauma, and the role of lived experience: toward a new conceptualization of voice hearing. *Psychol Bull*. 2012;138(1): 28–76.
21. Zanella V. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris; 2018.
22. Perona-Garcelán S, Pérez-Álvarez M, García-Montes JM, Cangas AJ. Auditory Verbal Hallucinations as Dialogical Experiences. *Journal of Constructivist Psychology*, 2015;28(3):264-280.
23. Waiselfisz JJ. Mapa da violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil. Brasília: FLACSO Brasil. 2015. [acesso em 2017 Jul 7]. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/>
24. Osorio RG, Fontoura N. Tolerância social à violência contra as mulheres. Brasília: IPEA. 2014. [acesso em 2017 Jul 7]. Disponível em: <https://ipea.gov.br/portal>
25. Peters ER, Williams SL, Cooke MA, Kuipers E. It's not what you hear, it's the way you think about it: appraisals as determinants of affect and behaviour in voice hearers. *Psychol Med*. 2012;42(7): 1507-1514.
26. Thomas N, Farhall J, Shawyer F. Beliefs about voices and schemas about self and others in psychosis. *Behav. Cogn. Psychother*. 2015;43(2):209-223.
27. Badcock JC, Chhabra S. Voices to reckon with: perceptions of voice identity in clinical and non-clinical voice hearers. *Frontiers in Human Neuroscience*. 2013;7(114):40-8.
28. Johns L, Kompus K, Connell M, Humpston C, Lincoln T, Longden E, et al. Auditory verbal hallucinations in persons with and without a need for care. *Schizophr Bull* 2014;40(4 Suppl):S255-S264. p. S255.
29. Minkowski E. Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). *Rev. latinoam. psicopatol. fundam*. 2000 out/dez;3(4):156-64.
30. Kalhovde AM, Elstad I, Talseth AG. Understanding the experiences of hearing voices and sounds others do not hear. *Qualitative Health Research*. 2013;23(11): 1470-80.

Recebido em: 17/04/2018

Aceito em: 09/08/2018